

“Lusofílias”

Paulo Ferreira da Cunha – *Lusofílias. Identidade Portuguesa e Relações Internacionais*, Porto, Caixotim, 2005.

Profa. María Luísa Guerra

Estudo muito lúcido que centra problemas fulcrais em várias vertentes, por vezes com laivos críticos, a roçar a ironia.

Salienta-se o binómio identidade-globalização.

Numa leitura «progressista», julga-se a globalização como uma mais valia, parâmetro incontornável dos tempos futuros. Assim se dissolve a identidade e se perdem as referências. Abrem-se horizontes tão largos e tão niveladores que matam a diferença, cifra de riqueza.

No limite, corre-se o risco «de sermos cidadãos do mundo e já não sermos gente de parte nenhuma».

A globalização pode barbarizar na medida em que não integrar identidades, vivências colecticas que se não descaracterizam na imitação amorfa e na cópia servil.

O português é provinciano. Complexado pela situação periférica, julga que tudo o que é estrangeiro é bom. Demite-se numa admiração bacoca e subserviente.

Tem uma consciência quase doentia, de que é «pequeno», «periférico», «pobre», «atrasado», «cauda da Europa».

Não se trata de um nacionalismo serôdio mas seria preciso fazer-lhe sentir que poucos povos foram tão universalistas como o Português. O primeiro a iniciar a globalização, deu «novos mundos ao mundo». Não é uma metáfora. Foi uma realidade.

Cadinho de várias culturas, rompeu as fronteiras da Europa e foi Além-Mar. O primeiro.

Nunca é demais acentuar esta contribuição única para a História: a descoberta de novas paisagens, novos climas, novas estrelas, novos sabores, nova fauna, nova flora, novos costumes, novos trajés, novos homens..

Não é nacionalismo serôdio. É uma leitura autêntica de um real autêntico.

O Português é Europeu mas foi o primeiro a sair da Europa para a alargar e lhe trazer nova riqueza.

Não é demais acentuar esta dimensão universalista do nosso ser colectivo.

Casa povo tem o seu perfil, com valores positivos e valores negativos. Não é tudo bom no estrangeiro e tudo mau aqui.

Se nos ignoram, é porque são ignorantes. O nosso contributo foi importantíssimo e decisivo. Não semeámos a discórdia nem a violência. O Brasil é a nossa coroa de glória.

Com a extensão de toda a Europa (salvo a Rússia) manteve-se unido e em paz. Ao contrário da América Espanhola que se dividiu e fragmentou e fez da revolução o desporto nacional.

O Brasil é um magnífico exemplo da unidade na diversidade.

Fizemos «ao longo dos séculos vizinhos da alma a juntar aos vizinhos do território». Esta é uma riqueza incomensurável, dimensão essencial porque partilha e comunica o que é superior a tudo: o humanismo.

Repartimos a nossa alma como ninguém. Julgo que foi Gilberto Freire quem afirmou: «Deus criou o Preto e o Branco. O Português criou o Mulato».

Pequenos, ignorados mas determinados e sonhadores não esperámos pela globalização do século XXI (às vezes tão anedótica pelo que tem de superficial).

A verdadeira (a começar pela descoberta do feitio do Globo), começou nas caravelas. Nunca é demais acentuar a dimensão universal da nossa contribuição para a História da Civilização.

O complexo de inferioridade que tece a mentalidade dos portugueses radica numa profunda ignorância e na distorsão da realidade. Para moldar uma outra visão e outra sensibilidade, é urgentíssimo mudar o sistema de ensino e em especial o da História.

Não se trata da exaltação de heróis. Não se escondam falhas e defeitos, convulsões, violência, perseguições. Faça uma leitura, quanto possível objectiva, do que trouxemos de novo ao mundo (e foi muito) em vários campos. Da fraternidade que fomos capazes de criar com outros povos. Misturámo-nos pelo sangue, pelo afecto, pela língua, pela alma.

Um ensino lúcido devia ajudar a descobrir esta verdade com todas as suas implicações. Mas o maior drama do País e do seu futuro é exactamente a miséria a que chegou o nosso ensino com a fantochada da revolução tecnológica). «É efectiva a exaltação da mediocridade instalada». «Há uma sufocação da originalidade e da verdade».

Essa originalidade é a própria identidade bem traduzida, no nosso caso, na lusofonia. Não é ela já, a primeira forma de globalização?